

**A POESIA VISUAL DE TCELLO D'BARROS:  
UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA**

Renata da Silva de Barcellos (CEJLL, CECA e UNICARIOCA)

**RESUMO**

A comunicação tem objetivo de apresentar meu objeto de estudo do projeto de Pós-doutorado em construção. Trata-se de dois grandes poetas visuais brasileiros, com uma vasta produção a ser estudada e difundida: Waldemir Dias-Pino e Tchello d'Barros. Este, contemporâneo, integrando exposições, material didático, revistas literárias... no Brasil e no mundo com belas críticas de curadores. Aquele, um dos pioneiros da poesia visual no Brasil, com suas contribuições como a importância da obra Enciclopédia visual. Este texto consiste em uma breve reflexão sobre a temática da poesia visual no Brasil. Cabe ressaltar que de todas as leituras feitas até o presente momento de livros, artigos, dissertações e teses, constatou-se o quão ainda há pouco estudo na área e nos poetas aqui escolhidos Waldemir Dias-Pino e Tchello d'Barros. Ainda vale destacar a polêmica: o que fazem é poesia ou arte? A partir disso, será apresentada algumas considerações. Com os movimentos de Vanguarda e as novas percepções de poesia, em sua elaboração, passa-se considerar o meio como parte significante da leitura, não mais mero suporte sem expressão sígnica. Assim, no Brasil, segundo Álvaro de Sá, seria possível classificar a poesia visual em três vertentes distintas: (1) a construtiva, defendida pelos integrantes do grupo Noigandres, formado inicialmente por Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari e, mais tarde também por Ronaldo Azeredo e José Lino Grünewald; (2) a funcional, apresentada por Wlademir Dias-Pino, precursora do livro-poema e do movimento poema/processo e (3) a expressiva, cujo principal representante foi Ferreira Gullar, defendendo uma posição fenomenológica e mais subjetiva, surgindo o Neoconcretismo (derivado do Concretismo). Esta proposta de classificação é válida por proporcionar um panorama deste período de efervescente produção. Partindo dessa proposta de classificação de Álvaro de Sá, será apresentada uma síntese da parte teórica. O artigo é constituído de três partes: poesia visual, Tchello d'Barros e prática pedagógica (a partir da obra deste último poeta).

**Palavras-chave:**  
**Imagem. Mídia. Palavra.**

**1. Poesia visual**

*“La poesia visual no es dibujo, ni pintura, es un servicio a la comunicación.” (Joan Brossa)*

Em meio a uma efervescência de descobertas no mundo como: Psicanálise, Teoria da relatividade, vanguardas artísticas, criação da publicidade,

avanço do cinema, dentre outros, após a Semana de Arte Moderna de 1922 (momento de ruptura com padrões estéticos ainda vigentes, tentativa de autonomia literária e linguística do Brasil), eis que surgem novos experimentos na área de linguagem e agrega uma cartografia em movimento: a poesia visual. Segundo Philadelpho Menezes (1975), ela passa a ser uma forma central da poesia de todas as vanguardas de nosso século. É entendida como o conjunto inumerável de composições poéticas (pré)dominantemente visuais criadas desde a Antiguidade greco-latina, passando pela Idade Média, pelo Renascimento, pelo Barroco, pelo Modernismo, até os dias atuais...

Poesia visual remonta a expressão italiana <poesia visiva>, por volta de 1960, designava pesquisas verbo-visuais. Há uma acepção de experiência artística de vanguarda, remetendo ao período modernista do final do século XIX e início do XX, conforme explica Philadelpho Menezes (*Ibidem*, p. 14). Entretanto, ele é mais específico: refere-se a um fenômeno poético do século XX, no qual o cruzamento das linguagens é decorrência direta do panorama visual das grandes cidades e dos meios de comunicação de massa.

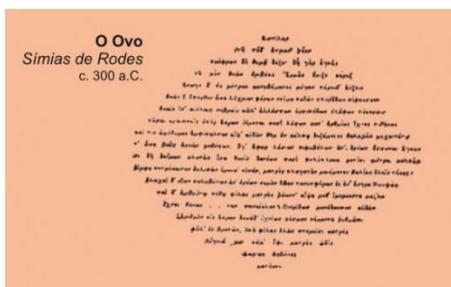
No Brasil, a expressão “poesia visual” é (muitas vezes) empregada para se referir à produção situada a partir de 1970, caracterizada pela incorporação indiscriminada de imagens gráficas no interior do poema, ao extremo de se efetuar a desapareição da palavra. Um tipo, portanto, de experiência visual distinta das concretistas e neoconcretistas, mais ligada ao poema processo (MENEZES, 1991). Dessa forma, o poeta adota uma técnica e, através do fazer poético, descobre novas fronteiras no campo literário. E, por sua vez, o leitor é convidado a praticar o exercício do olhar e ver para captar a imagem retroprojetada.

A poesia visual visa trabalhar as características plásticas da escrita ressaltando os valores visuais, espaciais, considerando-a como uma mancha gráfica, um desenho, uma relação de figura-fundo na folha, como a admiração de um arabesco cujo significado da grafia desconhecemos. Segundo E. M. de Melo e Castro (1993), no aspecto visual, o signo interpretante é especificamente sincrônico, compacto, sintético, espacial, concreto. A poesia não só como símbolos representativos de uma sonoridade anterior à própria escrita, mas sim como uma escrita tácita na qual por si mesma já é forma carregada de sentido. A página não mais considerado como um acúmulo de letras, mas um suporte espacial ativo, como a tela de uma pintura.

A partir dos anos 70, a poesia visual, elaborada basicamente através

do meio gráfico (livro, cartaz e gravura), busca novos meios de suporte. Surgem assim os primeiros poemas performances. Segundo o poeta português Fernando Aguiar (1985), esses possuem uma série de componentes que podem ser explorados esteticamente. Conceitos como o tempo, o espaço, o movimento/ação, a tridimensionalidade, a cor, o som, o cheiro, a luz e, principalmente, a presença do poeta como detonador e fator de consecução do poema.

Vale destacar ainda que de acordo com Melo e Castro (1993), a poesia visual é representada de forma expressiva quatro vezes na história da arte ocidental: durante o período alexandrino, na renascença carolínea, no período barroco e no século XX. Pode observar-se ainda que cada um desses se relaciona com o fim de um período histórico e começo de uma nova época. Ela data de 300 anos a.C, na Alexandria, as tecnofanias de Sírnias de Rodes constituem os primeiros poemas visuais conhecidos. São elas: “O machado”, “As asas” e “O ovo”. Este poema era uma espécie de caligrama, cuja definição é “texto (ger. Um poema) cujas linhas ou caracteres gráficos formam uma figura relacionada com o conteúdo ou a mensagem do texto” (Cf. Dicionário Houaiss da língua portuguesa).



A poesia visual desenvolve sua vertente mais “plástica”, tridimensional, ocupando espaços em galerias de arte, museus e locais públicos. Os constantes da poesia visual contemporânea são:

- a) a identidade entre ikon e logos;
- b) o nexo espacial da poesia;
- c) a concretização da referência textual no ato de leitura;

d) o predomínio de objetivos

No Brasil, de acordo com Antônio Miranda, a poesia visual surge como é “uma tentativa de romper com a ditadura da forma discursiva do poema, de vencer o domínio da gramática ou mesmo de superar a construção prosística na poesia” (2008, p. 24). O uso simultâneo de signos verbais e não verbais como recurso na poesia visual e considerando ser antes a mensagem transmitida pela imagem, quase sempre sem necessitar do recurso da palavra. A seguir, isso será abordado em dos maiores representantes do Brasil, na atualidade: Tchello d Barros.

## **2. Tchello d' barros**

Tchello d'Barros é um ser não só inquieto (como ele mesmo define-se) como também provocador de “inquietação” a quem lê sua obra pela forma como desbrava a linguagem na sua múltipla forma de expressão. Interagindo nas diferentes modalidades das Artes, deixa impresso em cada trabalho o produto do que seu olhar sobre objeto analisado foi capaz de captar. Segundo ele, essa diversidade de “experimentos alternativos, um conjunto de trabalhos produzidos resulta de uma necessidade interna de interferir na realidade, de lutar no mundo que me cerca com as armas que tenho: as criações no campo da arte”.

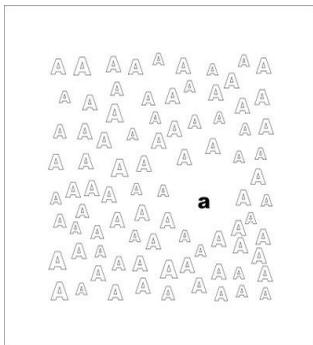
Ele é escritor e artista visual nascido em Brunópolis (SC) em 1967. Morou em 15 cidades por enquanto, realizou atividades culturais em todos os Estados do Brasil, deambulou por 20 países e desde 2013 está radicado no Rio de Janeiro (RJ). Atua profissionalmente como desenhista, editor, curador e produtor cultural. Estudou Literatura como aluno ouvinte no Curso de Letras na Furb (SC) e Pintura no ateliê livre na mesma instituição; cursou História da Arte na Fundaj (PE); atualmente estuda Cinema/Audiovisual na UFRJ (RJ). Foi professor na Faculdade Senac (SC) e na pós-graduação da Faculdades Hélio Alonso - Facha (RJ). Ministra diversas oficinas literárias (conto, crônica, poesia, roteiro, narrativa ficcional) em eventos e instituições culturais. Além dos 6 livros que publicou, seus contos, crônicas e artigos vêm sendo publicados também em mais de 50 coletâneas, antologias e livros didáticos, além de veicular seus escritos regularmente em diversos meios impressos e virtuais. Tem viajado pelo Brasil com a mostra Convergências, uma retrospectiva de sua produção em Poesia Visual, já percorreu vários Estados. Suas obras visuais já participaram de cerca

de 150 exposições.

Ao analisar a sua poesia visual, observam-se os seguintes temas: tempo (relógio - efemeridade) – natureza (borboleta - pomba) – traição – amor – relação (pronomes pessoais: eu – tu – nós) – política (vários termos correlatos a esta temática como impunidade – desvio – propina...) – soneto (forma clássica) – olho... cujo caráter é crítico, social, político e econômico sobre os diversos aspectos do cotidiano. Dentre todos os temas abordados, vale destacar que existem duas de suas obras com a palavra <olho> no título: “Olho nu” (1996) e “Olho zen” (1996). Este tema não só é presente em sua obra como também pode-se definir o artista como <olhos de Lince>, pela sua capacidade de ver a palavra fragmentada e a de captar simultaneidade de sons, imagens e palavras.

A simultaneidade e o experimentalismo linguístico unem-se como recurso permitindo ao poeta ora fundir vocábulos procurando um efeito diferente do usual, ora cortá-los, criando outros novos vocábulos formados pela fragmentação de um primeiro. Ele explora as potencialidades do signo linguístico, buscando na relação, palavra/imagem, atingir os limites possíveis de captação e subversão do signo. Como declarou em uma entrevista, a poesia infiltra em todos os meandros do labirinto da minha vida. Começo pela manhã no banheiro e vai até na madrugada quando adormeço – a dor – meço”. Até neste momento, percebe-se como ele é de olhar, ver e fragmentar a palavra atribuindo-lhe novos significados. Assim, ao “penetrar surdamente no reino das palavras” (Drummond), insere a poesia em novos espaços que pedem novos leitores, novos olhares.

Dessa forma, em toda sua obra, fica latente a demonstração de uma inquietação em relação à forma como as relações são construídas no mundo (valores...). Um exemplo já está presente em sua primeira poesia visual *Preconceito*, 1993 disponível em [https://www.facebook.com/tchellodbarros/media\\_set?set=a.1134587095063&type=3](https://www.facebook.com/tchellodbarros/media_set?set=a.1134587095063&type=3).



Nesta poesia, através da sobreposição da letra A, representando cada indivíduo na sociedade, verifica-se aquele que sofre preconceito por ser diferente seja na maneira de pensar seja por uma deficiência. Alguém que escapa do padrão totalmente. Não se enquadra no mundo que o circunda. Não aceita o sistema como ele nos é imposto. Isso é percebido na forma gráfica a letra A: em minúsculo e negrito.

Analisando este e toda produção de Tchello d’Barros, percebeu-se que a dialética (cujo termo em grego é *dialektiké*) atravessa os temas abordados. Além da questão de remeter à oposição de ideias sobre uma mesma questão, segundo Demo, a dialética consiste em um “convite insistente à discussão e à prática, a criatividade, ao diálogo crítico e produtivo” (1990, p. 134). Essa será nossa hipótese a ser ratificada, na pesquisa do Pós-Doutorado. Pode-se observar esta característica em:

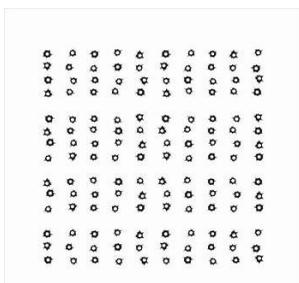
Agora



Nesta poesia visual, Tchello traz a temática do tempo recorrente em sua obra através do aspecto gráfico: infinito e o jogo de palavras dentro deste mesmo campo semântico (antes – depois – agora – eterno...) desenhando-o. Tratando assim de uma metalinguagem: a palavra é utilizada para retratar seu próprio sentido. Cabe destacar também a característica transversal a toda a sua produção: a dialética. Pode-se comprovar isso como os vocábulos: <antes e depois> em contraponto com <eterno e infinito>.

Em outras poesias visuais, há a temática do aspecto social-político como em:

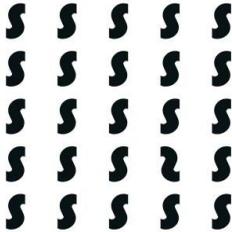
### Soneto das ditaduras



Tchello d'Barros apresenta o formato do soneto (14 versos compostos em 2 quartetos e tercetos para retratar a temática da ditadura. Cada imagem gráfica representa um tiro e este simboliza uma sílaba do verso. Pode-se inferir que o título é ambíguo por não só remeter ao fato histórico como também a uma crítica ao modelo clássico imposto até o período do Modernismo.

Dessa forma, a partir desta breve abordagem, ratifica-se os “olhos de lince” do poeta inquieto Tchello d'Barros cuja dialética é uma característica presente em sua obra nas diversas temáticas. Pode-se dizer ainda quanto a este seu olhar sobre a vida, o mundo e o modo como transforma o que lhe toca em poesia visual ser instigante. Leva o leitor a refletir sobre a questão tratada e o seu modo de produção.

### Subversão



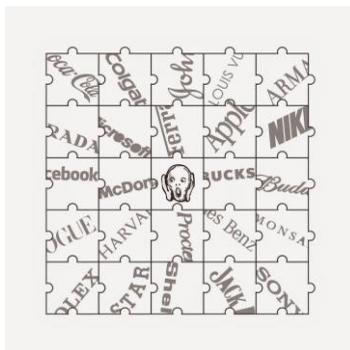
Esta poesia visual de Tchello d'Barros é um exemplo daquela categoria que apresenta um único signo fora do padrão. São ordenados de forma quase idêntica, até ser constatado o diferente. O elemento diferenciado, aquele ser fora do enquadramento socialmente estabelecido.

### Granada



Nesta poesia, em formato de granada a palavra <subversividades> apresenta novas possibilidades de fragmentação e, conseqüentemente, de novos sentidos. Observam-se assim as mais variadas possibilidades desta palavra, convergindo para uma diversidade plurissignificante de imagens.

Consumai ou Excluir-se-vos-á



A poesia visual tem como temática um dos piores problemas sociais: o consumismo. Em forma de quebra cabeça, o poeta menciona várias marcas de produtos diversos como: Rolex, de relógio; Sony, de TV; Star e Nike de tênis; Apple de telefone... No título, sugere que a pessoa tem duas opções: consumir ou excluir-se. Voltando assim o que tangencia sua obra: a dialética.

Teste de visão



As letras soltas constituem forma de uma pirâmide e, ao observar a disposição delas, lê-se o seguinte texto: “Ver o que se quer é um porvir que tem tudo a ver”. Pode-se destacar a polissemia da palavra <ver>: o primeiro, na abertura, significa <enxergar> e o segundo, no fechamento, na expressão <tudo a ver>, refere-se à <compatível>. Assim, o título “Teste de

visão” remete à questão de o leitor ver ou não o que está escrito.

### **3. Prática pedagógica**

Segundo Afonso Romano de Sant’Anna, a poesia “sensibiliza qualquer ser humano. É a fala da alma, do sentimento. E precisa ser cultivada”. Sendo assim, cabe à escola propiciar leitura e análise de poema das diversas escolas literárias, auxiliando o aluno a estabelecer uma relação afetiva e intelectual com as obras. Isso será responsável pelo desenvolvimento de sua formação leitora. É papel da escola possibilitar que o aluno tenha liberdade de criação, de expressão e de imaginação e não formar poetas. Pode-se e deve-se SIM reconhecê-los e incentivá-los cada vez mais a produzir. Quanto a isso, no nosso caso, sempre apresentamos e publicamos as produções dos alunos. Conforme Filipouski (2009):

Formar leitores implica destinar tempo e criar ambientes favoráveis à leitura literária, em atividades que tenham finalidade social, que se consolidem através de leitura silenciosa individual, promovendo o contato com textos variados nos quais os alunos possam encontrar respostas para as suas inquietações, interesses e expectativas. Ler não se restringe à prática exaustiva de análise, quer de excertos, quer de obras completas, pois o prazer, a afirmação da identidade e o alargamento das experiências passam pela subjetividade do leitor e resultam de projeções múltiplas em diferentes universos textuais. Nesse caso, o papel da escola é torná-lo mais apto a fruir o texto. (FILPOUSKI, 2009, p. 23)

Desse modo, cabe à escola propor ao leitor as mais variadas possibilidades da relação entre o pensar e o sentir, tornando-o apto a fruir pelo texto. Assim, a leitura poética torna-se significativa e, quando desafiados a criarem, surpreendem-nos.

Considerando que a educação tem a finalidade de desenvolver o indivíduo em todas as suas potencialidades, a presente proposta da integração com a sala de leitura, como prática educativa, busca despertar no educando competências apoiadas em um dos Pilares da educação “Aprender a ser”. Sendo assim, procuramos transformar a sala de leitura em um espaço de motivação, autoconfiança, colaboração, trabalho em equipe em atividades que contribuam para o desenvolvimento do senso crítico e o interesse pela leitura de outras obras literárias. Outro objetivo é apresentar aos educandos não leitores e/ou não frequentadores da sala de leitura, a variedade do acervo disponível para uso. Outra relevância da leitura é a adaptação literária cinematográfica instigar o educando a compreender melhor a

obra abordada.

Passemos a descrição da atividade proposta:

**Justificativa:**

O estímulo à prática de leitura é imprescindível em qualquer etapa escolar e há diferentes e inovadoras formas de se fazer isso. Na atividade aqui descrita, os jovens são convidados a dialogar com as poesias visuais de Tchello d' Barros. Fazendo assim com que a subjetividade de cada um atravesse os textos lidos e vice-versa.

**Faixa etária:**

Ensino Médio

**Número de estudantes envolvidos nesta atividade:**

35

**Recursos:**

Poesias visuais de Tchello d' Barros disponíveis no grupo da turma do **WhatsApp**

Folha de papel ofício

Computador

**Áreas de conhecimento:**

Linguagem

**Componentes curriculares:**

Literatura

**Tempos de aula:**

4 tempos

**Etapas:**

1 – Previamente, o professor seleciona poesias do poeta disponíveis em: <<http://tchellodbarros-poesiavisual.blogspot.com/>> e/ou <[https://www.facebook.com/tchellodbarros/media\\_set?set=a.1134587095063&type=3](https://www.facebook.com/tchellodbarros/media_set?set=a.1134587095063&type=3)> e as disponibiliza em alguma rede social ou imprime.

2 – O professor faz uma breve consideração sobre Poesia visual e a correlaciona com o Simbolismo. Esta escola literária é datada do final do século XIX. Teve início na França com a publicação da obra “As Flores do Mal” (1857) do escritor francês Charles Baudelaire (1821-1867).

A poesia simbolista apresenta de misticismo e musicalidade, característica explorada sobretudo, pelo uso das figuras de som (aliteração, assonância, onomatopeia e paronomásia) e ainda temas como o amor, o tédio, a morte e a espiritualidade humana.

Suas manifestações de maior destaque ocorreu na França, especialmente com Stéphane Mallarmé (1842-1898), considerado lá o mestre da geração simbolista. Da França, a influência do movimento se espalhou pelo mundo ocidental e fez seguidores também na língua de Camões; em Portugal e no Brasil, os nomes mais representativos dessa corrente foram, respectivamente, Eugênio de Castro (1869-1944) e Cruz e Souza (1861-1898). A sua obra antecipou a sintaxe visual da moderna poesia do século XX. A partir dessas considerações, o professor discorre sobre Poesia Visual.

3- A atividade é realizada na biblioteca da escola, com a turma dividida em duplas. Cada uma escolhe uma poesia visual para analisar e, em seguida, elaborar uma que dialogue com a do autor. A ideia é criar um clima instigante com os jovens. Eles são estimulados a falar da obra e também de si, do que sentiram, sobre como as palavras do autor afetam. Esta parte da atividade dura dois tempos.

4 – Após a elaboração dos textos, o professor seleciona alguns. E organiza uma exposição na Biblioteca.

**Indicadores:**

Aprendizado dos estudantes

Relações interpessoais

Aspecto crítico

**Critérios de avaliação:**

São analisadas a participação, a interação dos jovens durante toda a



**EU TE AMO**

Eu te amo, três palavras que formam uma vida  
Desde a barriga da sua mãe, sussurrando em seu ventre  
Até nos prantos e saudades que deixamos na partida  
Eu te amo é a clareza do amor que não se cabe em órbita  
Mas usado errado quebra tipo  
Vidro que contém o  
EUrópio, da tabela periódica.

Eu te amo é como um vulcão quando explode é incontrolável  
A gente reage até com o ar  
Tipo o TELúrio voando incontrolável  
Eu te amo, eu te amo  
É algo que vem de graça  
Quando ama a gente detecta  
Tipo A Merício no detector de fumaça

**3 – À paz**



Releitura de Ana Carolina e Isabela Cavalcanti – CECA – Turma  
2002.

**Pássaro e o Amor**

voar  
a liberdade almejada  
percursos pela cidade traçados  
a imensidão do céu, em minutos alcançada

o amor é como um pássaro  
se engaiolado, sufoca  
ele quer conquistar o seu espaço no mundo  
e assim como o amor, ir a fundo

quer a brisa do simples vo(ar)  
ir do abraço das nuvens ao beijo do mar  
a natureza é seu habitat  
as vezes a vontade é de ficar

mas o instinto é bater asas e por aí bambear

lembre-se  
se algum dia uma ave em seu braço pousar  
deixe - a voar  
se um dia voltar  
terá conquistado  
ou ao menos, cativado

pássaros são livres  
o amor também.



Releitura de Fernanda Machado e Lincoln Costa da 2003 do NAVE.

**Sobre o amor**

Me conta sobre o amor  
São momentos de glória  
Ou são momentos de dor?  
Está nos melodramas?  
Ou nos filmes de horror?

Mesmo que almeje  
Será que um dia vou conseguir?  
Enquanto eu busco amor  
As pessoas buscam usufruir  
Meu coração arde como uma tarde de verão  
Sinto que estou presa em uma geração  
Onde todos são inverno  
E nem mesmo um sorriso é singelo

O acaso me assusta  
O amor me apavora  
Por mais que eu tente afastar a razão, ela me ignora  
São as cicatrizes do passado  
Que me fazem ter medo de voar  
De quando tudo que eu era  
Era você  
E tudo que você era  
Era mentira

Nesta parte, foram apresentadas algumas releituras realizadas a partir de poesias visuais de Tchello d'Barros. Essas e as outras farão parte de uma exposição para o Dia nacional da Língua Portuguesa, 5 de novembro, na Biblioteca do CEJLL/NAVE.

#### **4. Considerações finais**

A partir de um conciso panorama da Poesia Visual no Brasil e da análise de dois de seus grandes representantes, Wladimir Dias-Pino e Tchello d'Barros, conclui-se que há muito a ser estudado não só teoricamente como também analisada a obra dos poetas. Só a Enciclopédia visual do percursor já resulta inúmeras pesquisas com abordagens diferentes dos 28 temas. Quanto ao mais contemporâneo, d'Barros é um poeta multifacetado em plena produção. Alguém que deseja explorar as mais diferentes maneiras de comunicar e de fazer arte, um artista liberto de qualquer aprisionamento da palavra escrita e empenhado em buscar maneiras múltiplas de expressar o pensamento, o que precisa ser dito. Sua obra tem apresentado até o momento alguns aspectos: um ser inquieto, observador, desbravador daquilo que escapa, foge ao padrão, o outro lado da moeda.

Quanto à prática pedagógica, a partir da proposta feita aos alunos do CECA e CEJLL, podem-se constatar duas questões: o não conhecimento deste tipo de poesia e como ela possibilitou o processo criativo. Vale destacar que, em um primeiro contato, provocou um estranhamento neles. Mas, depois, com as explicações, eles compreenderam a ideia e foram percebendo a temática trabalhada em cada uma. Consequência: a criatividade aflorou e as releituras surgiram.

De acordo com as reflexões suscitadas, conclui-se o artigo citando Omar Salomão, autor de *Impreciso e À deriva*. Para ele, a poesia é como “uma forma de ver, de enxergar as coisas, de desacomodar. Naturalmente, foi um caminho que me levou para esse lado das artes plásticas justamente por trazer uma liberdade estética maior. Muita gente que trabalha com Poesia Visual hoje passa por esse lado” ([https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/03/13/interna\\_diversao\\_arte,521714/poesia-contemporanea-usa-tecnologia-para-expandir-suas-fronteiras.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/03/13/interna_diversao_arte,521714/poesia-contemporanea-usa-tecnologia-para-expandir-suas-fronteiras.shtml)).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Fernando. 1985. Poesia ou a Intervenção Viva. In: MENEZES, Philadelpho (Org). *Poesia Sonora*. São Paulo: Educ, 1998. p. 145-50

ALMEIDA, Marinei. Wlademir Dias-Pino e o Intensivismo. In: *Revista Ecos: variantes linguísticas literaturas regionais*. Cáceres: Unemat Editora, 2004. Ano II, n. 2. p. 37-44

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.

BROSSA, J. *Poesia vista*. São Paulo: Ateliê, 2005.

CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1969. (Debates, 16)

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

Castro, E. M. de Melo. *Poética dos Meios e Arte High Tech*. Lisboa: Veja, 1988.

Cirne, Moacy. Duas ou três coisas sobre o Poema/processo. In: *Revista Ponto 2*, Rio de Janeiro, 1968.

CHRYSOSTOMO, Luiz. *O poema infinito de Wlademir Dias-Pino*. Disponível em: <[http://www.museudeartedorio.org.br/sites/default/files/wlademirdp\\_textos\\_exposicao.pdf](http://www.museudeartedorio.org.br/sites/default/files/wlademirdp_textos_exposicao.pdf)> Acessado em 15/09/18.

DALATE, Sérgio. *A escritura do silêncio: uma poética do olhar em Wlademir Dias Pino*. Dissertação de mestrado, UNESP, 1997.

D' BARROS, Tchello. *Poesia Visual/Visual Poetry-Tchello d'Barros*. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/pages/biz/Poesia-Visual-Visual-Poetry-Tchello-dBarros-1434855403472935/>> Acessado em 14/09/18.

*Tchello d'Barros – Poesia Visual*. Disponível em: <<http://tchellodbarros-poesiavisual.blogspot.com>>. Acessado em 20/09/18.>

*Facebook – Tchello d'Barros*. Disponível em: <[https://www.facebook.com/tchellodbarros/media\\_set?set=a.1134587095063&type=3](https://www.facebook.com/tchellodbarros/media_set?set=a.1134587095063&type=3)>. Acesso em 20/09/18.

DIAS-PINO, Wladimir. *Solida*. 2. ed. Cuiabá: Igrejinha, 1962.

\_\_\_\_\_. *A ave*. Cuiabá: Igrejinha, 1956.

DEMO, Dialética e qualidade política. In: *Dialética Hoje*, 1990: 134.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. *Literatura juvenil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 23

MACIEL, Nahima. *Poesia contemporânea usa tecnologia para expandir suas fronteiras*. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/03/13/interna\\_diversao\\_arte\\_521714/poesia-contemporanea-usa-tecnologia-para-expandir-suas-fronteiras.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/03/13/interna_diversao_arte_521714/poesia-contemporanea-usa-tecnologia-para-expandir-suas-fronteiras.shtml)> Acesso em 15/09/18.

MENDONÇA, Antônio Sérgio; SÁ, Álvaro de. *Poesia de Vanguarda no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1983, p. 167.

MENEZES, Philadelpho (Org). 1998. *Poesia Sonora*. São Paulo: Educ, 1975. p. 138-44

\_\_\_\_\_. *Poética e visualidade: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea*. Campinas-SP: UNICAMP, 1991.

MENEZES, Philadelpho. *Poética e visualidade: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea*. Campinas-SP: UNICAMP, 1975.

MIRANDA, Antonio. Wladimir Dias-Pino. Disponível em:

<[http://www.antonimiranda.com.br/poesia\\_visual/wladimir\\_ias\\_pino.html](http://www.antonimiranda.com.br/poesia_visual/wladimir_ias_pino.html)> Acessado em 15/09/18.

PIGNATARI, Décio. *Contracomunicação*. 3. ed. ver. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

SÁ, Álvaro de; MENDONÇA, Antonio Sérgio. *Poesia de vanguarda no Brasil: de Oswald ao poema visual*. Rio de Janeiro: Antares, 1983.

SALOMÃO, Omar. *Poesia contemporânea usa tecnologia para expandir suas fronteiras*. In: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/03/13/interna\\_diversao\\_arte\\_521714/poesia-contemporanea-usa-tecnologia-para-expandir-suas-fronteiras.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/03/13/interna_diversao_arte_521714/poesia-contemporanea-usa-tecnologia-para-expandir-suas-fronteiras.shtml)

SANTOS, Alckmar Luiz dos. *Leituras de nós: ciberespaço e literatura*. São Paulo: Itáu Cultural, 2003. (Rumos Itáu Cultural Transmídia)